

O êxodo do hebreus segundo historiadores e arqueólogos: ênfase na perspectiva minimalista a partir da obra de Finkelstein e Silberman

Josué Berlesi
Licenciado em História (UFRGS)
Mestrando em Teologia (EST)

RESUMO

Distintas correntes interpretativas analisaram e continuam a analisar a história do Israel antigo, e, ao que tudo indica, o consenso parece distante. Neste presente artigo tentar-se-á contemplar um determinado grupo de pesquisadores, a saber: os minimalistas. O evento bíblico do êxodo constitui-se no objeto do presente estudo. O conteúdo majoritário dessa pesquisa reside em analisar como o êxodo foi interpretado por historiadores e arqueólogos, entretanto, será dada uma ênfase na perspectiva dos estudiosos minimalistas, sobretudo, em Israel Finkelstein e Neil Silberman autores da obra “The Bible Unearthed: Archaeology’s New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts”.

PALAVRAS-CHAVE: História dos Hebreus, Êxodo, Minimalistas.

ABSTRACT

Distinct interpretative currents studied and are still analyzing the ancient History of Israel without an agreement. Thus, in this article is going to be assessed the thoughts of a specific group of scholars, the minimalists. The theme of this study is the biblical event of the exodus. The main part of this research was made trying to analyse how the exodus was interpreted by historians and archaeologists, emphasizing the minimalists scholars’ perspective, most importantly Israel Finkelstein and Neil Silberman, authors of the book “The Bible Unearthed: Archaeology’s New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts”.

KEYWORDS: Hebrew History, Exodus, Minimalists.

A análise da pertinência histórica da Bíblia é uma prática de longa data no mundo ocidental. Paralelamente a uma postura fundamentalista de defesa do texto religioso desenvolveu-se uma postura de crítica, de contestação dos escritos bíblicos. Com o êxodo, por ser parte significativa do Antigo Testamento, não poderia ser diferente. O referido evento foi e permanece em análise sob diferentes enfoques e olhares. No presente estudo tentar-se-á demonstrar como o êxodo foi interpretado fora dos ambientes teológicos, sendo assim, serão utilizadas, sobretudo, as obras de arqueólogos e historiadores.

Não se pode negar que a produção intelectual dos estudiosos que contestam a historicidade das passagens bíblicas é, em grande parte, estimulada pela necessidade de combater a literatura de cunho fundamentalista. Nesse sentido as palavras de Fox são ilustrativas:

Os fundamentalistas também tentam explorar conhecimentos do tipo histórico. O ponto de contato mais fácil é a arqueologia, a disciplina em que a história parece fazer o uso máximo da ciência e que para todos os efeitos trabalha com indícios diretos, e portanto nada ambíguos. A arqueologia pode ser apreciada por seu público sem a interposição de qualquer barreira lingüística, e à medida que este público vai crescendo os fundamentalistas encontram cada vez mais razões para invocar seus achados como provas de que a narrativa bíblica é verdadeira. Exemplos particulares são usados como base para a ampla difusão de uma convicção geral de que todo o conteúdo das escrituras poderia ser confirmado caso fosse possível escavar suas relíquias. (FOX, 1993: 41).

Os pesquisadores que assumem uma postura crítica em relação a Bíblia procuram enfatizar em seus estudos as incoerências do texto religioso tais como as duplicações das narrativas, os anacronismos¹ e as informações contrastantes. É bem verdade que as pesquisas sobre o antigo Israel assumem cada vez mais um caráter interdisciplinar, porém, ainda é necessário avançar nesse sentido. São poucos os arqueólogos e historiadores com suficiente capacidade de analisar os escritos

¹ Em relação ao êxodo Dever argumenta: Logo no início de sua caminhada, os israelitas escolheram entrar em Canaã pelo “caminho da terra dos Filisteus”, isso é, a rota da costa ou a posterior Via Maris (Ex. 13: 17-18). Esta rota parecia fazer sentido, é a mais direta do Egito ao seu destino. Mas a referência aos filisteus é um anacronismo. Este povo não estava assentado em Canaã até a época de Ramsés III, c. 1180 a.C. Os escritores bíblicos não teriam sabido disto, mas eles tinham conhecimento que o estabelecimento dos filisteus nos sítios ao longo da costa teriam sido uma barreira. Assim a referência é inserida dentro de Êxodo, da mesma forma que a rota alternativa descrita em Números (tradução própria). DEVER, William G. *Who Were the Early Israelites and Where Did They Come From?*. Wm. B. Eedmans Publishing Co., 2003, p. 23

veterotestamentários em sua forma original. Resulta disso uma parca exegese bíblica que é, muitas vezes, a responsável pela produção de um raciocínio ilógico, ou, até mesmo, adaptações forçadas. Exemplo deste gênero pode ser verificado na obra de Louis Frédéric quando o mesmo tenta explicar as distintas versões sobre a saída do Egito:

Um grupo dos Habiru, mais indisciplinado do que os outros, pôde se revoltar abertamente, sendo perseguido pelas tropas do faraó. Um outro grupo preferiu fugir; daí, a existência, na Bíblia, de duas versões: uma dizendo que os Hebreus foram perseguidos, e outra segundo a qual eles fugiram apesar da oposição das tropas do faraó, que os teriam perseguido. Isto explicaria, também, as duas rotas seguidas pelos hebreus no deserto: a do norte, pelas tribos que foram perseguidas; e a do sul, pelas que teriam fugido, ou vice-versa.(FRÉDÉRIC, 1978: 128)

Contrastar as informações bíblicas com as fontes extra-bíblicas é metodologia comum entre os autores aqui analisados. Verifica-se até que ponto a Bíblia corresponde às evidências materiais, sejam elas artefatos encontrados em escavações arqueológicas, fontes escritas, ou ainda a ausência de ambas, o que promove o descrédito da informação bíblica pela falta de sustentação no registro material. Evidentemente, também se procede a uma análise do contexto histórico ao qual a narrativa bíblica se refere, nesse sentido, John Romer afirma, por exemplo, que a história de José é plausível pelo fato de estrangeiros terem migrado ao Egito em busca de melhores condições de vida. Contudo, o citado autor compactua com a idéia de que uma história como a de José seria mais aplicável ao período de dominação hicsa.²

Entretanto, o próprio Romer adverte:

É evidente que existe muita coisa nas narrativas bíblicas sobre o Egito que as coloca com firmeza em um ambiente egípcio genuíno, como acontece com as narrativas sobre a Mesopotâmia. Porém, por mais coerentes que sejam essas semelhanças culturais, não fornecem a prova de que tais narrativas relatam acontecimentos históricos verdadeiros ou que seus personagens existiram – da mesma forma que as cuidadosas descrições que Tolstoi faz do exército de Napoleão em Guerra e Paz não provam que os personagens do romance tenham existido realmente. (ROMER, 1991: 43).

² ROMER, 1991, p. 40.

É também característica dos estudiosos críticos da Bíblia, valerem-se de explicações naturalistas³ para desqualificar os supostos milagres relativos ao êxodo. A esse respeito Frédéric comenta:

Quanto aos prodígios, provavelmente, são uma extrapolação do redator do livro do Êxodo para confirmar o poder de Yahwé, se bem que várias explicações científicas tenham sido apresentadas para explicá-los: fenômeno cósmico (passagem de um cometa muito próximo da terra), fenômeno geológico (conseqüências da erupção do vulcão da ilha de Santorim por volta de 1447 a.C.), fenômenos naturais devidos a uma enchente excepcional do Nilo e que teria provocado as pragas. Todas as explicações são possíveis, mas em nenhuma hipótese poderiam ter servido para castigar o faraó, porque estes fenômenos teriam sido interpretados de outra forma pelos egípcios. Se ao contrário, admitimos tratar-se de um acréscimo tardio (o que poderia explicar a composição do texto, a duplicidade de algumas passagens e os absurdos), os prodígios teriam sido acrescentados apenas com um fim religioso, o que parece ter sido o propósito do redator. (FRÉDÉRIC, 1978: 130).

De forma geral, os autores analisados no presente estudo, absorvem a narrativa sobre o êxodo de forma literal e procedem a uma análise da historicidade da mesma. Sendo assim, as investigações iniciam-se com José e se estendem até depois do acampamento, em Kadesh-Barnea.

Determinadas parcelas do relato sobre o êxodo são absolutamente inaplicáveis ao contexto histórico o qual a narrativa tenta se referir. Independente das datas propostas para a saída do Egito, se no século XV a.C. ou XIII a.C., a quantidade de participantes do referido evento é, sem dúvida, descabida. Comentando a esse respeito Dever afirma:

Algumas das informações são claramente fantasiosas, assim como a lista de censo tribal (Num. 1) que totaliza 603.550; similarmente a contraditória alegação de que as tribos poderiam formar um exército de 600.000 homens (Ex. 12.37) os quais defenderiam uma população de 2.5-3 milhões. É simplesmente impossível que o deserto do Sinai, naquela época ou agora, pudesse suportar mais do que poucos milhares de nômades (tradução própria). (DEVER, 2003:18-19).

Porém, os problemas vão além da quantidade de participantes descrita na Bíblia. Antes mesmo da própria saída do Egito, John Romer, comenta quanto à concepção de opressão. Segundo afirma:

³ Explicações desse cunho sobre as pragas e os milagres no deserto são encontradas em DEVER, 2003, p. 15 e 21.

A escravidão em tal escala e do tipo descrito no Livro do Êxodo não existia no antigo Egito nem em parte alguma daquele mundo antigo, onde a humanidade estava estabelecida em uma ordem sagrada, na qual todos, desde um faraó até um camponês escravizado, estavam à disposição dos deuses e do Estado. Nesse mundo, as concepções modernas de escravidão e de liberdade, e mesmo de propriedade e compra e venda, tinham pouco sentido. Além disso, prova documental explícita do antigo Egito demonstra que os estrangeiros que viviam naquele país, quer como prisioneiros de guerra quer como pacíficos imigrantes, eram cuidadosa e rapidamente integrados à massa da população [...] As idéias antigas sobre raça e cultura eram muito diferentes, e o tema da liberação da opressão contido no Êxodo é inteiramente incompatível com a realidade antiga [...]. (ROMER, 1991: 52).

A falta de registro extra-bíblico do êxodo é, sem dúvida, um dos pontos mais enfatizados pelos autores analisados nessa pesquisa. Conforme afirmam, a perda de um significativo contingente de trabalhadores teria provocado um abalo econômico e social o que certamente constaria nos registros egípcios.⁴

Entretanto, apesar das improbabilidades de certos trechos do relato em questão, é raro encontrar algum pesquisador que considere o referido evento como mera ficção. Sendo assim, os estudiosos compactuam com a idéia de que a narrativa bíblica da saída do Egito contém um cerne histórico, mesmo que mínimo.

Robin Lane Fox, por exemplo, preocupa-se com o processo de elaboração do relato sobre o êxodo. Nesse sentido comenta a dificuldade da referida narrativa ser historicamente fidedigna uma vez que seu(s) redator(es) não contava(m) com indícios primários, sem mencionar o fato de que até o momento de sua fixação por escrito a versão bíblica do êxodo circulou longo tempo na oralidade. Dessa forma, Fox afirma:

Como é que uma tradição oral poderia ter preservado detalhes verdadeiros por tanto tempo? No máximo, podia recordar um grande acontecimento, ou um novo início: como a Guerra de Tróia dos gregos, o Êxodo dos israelitas do Egito foi um grande acontecimento desse tipo, que seus herdeiros supunham ser verdadeiro. Talvez fosse de fato uma memória histórica: não temos como saber, mas acho difícil acreditar que nenhum israelita jamais tenha deixado o Egito sob a condução de seu deus especial, Jeová, embora o Êxodo talvez não tenha sido a migração de todo um povo. (FOX, 1993: 163).

⁴ ROMER, 1991, p. 48

1 Os Minimalistas

Na década de 90 do século XX começaram a surgir determinadas obras absolutamente inovadoras acerca do Israel antigo. O tom da crítica destinava-se a toda metodologia então usada para produzir conhecimento sobre a história de Israel. Essa tendência agregou um grupo de pesquisadores que foi pejorativamente classificado como “minimalista”. Estes pesquisadores uniram-se em torno de suas frustrações quanto ao debate sobre o Israel antigo. Não contestavam apenas a historicidade dos eventos bíblicos, mas sim o próprio uso da Bíblia como fonte histórica.

A primeira reunião desses estudiosos aconteceu em 1996, em Dublin na Irlanda. Este evento marcou a constituição do Seminário Europeu sobre Metodologia Histórica.⁵ A partir de então seguem-se reuniões freqüentes que abordam distintos temas da história dos hebreus.

O referido grupo também é denominado como A Escola de Copenhague, porém, o termo minimalista tornou-se mais popular. A este respeito George Athas comenta:

A Escola de Copenhague, popularmente conhecido como “Minimalismo” é um reconhecido método de estudo na área dos estudos bíblicos. Surgiu pela necessidade dos estudiosos de explicar as discrepâncias entre os textos bíblicos e as descobertas dos arqueólogos. Ela propõe ver a literatura bíblica como mera estória ao invés de literatura historiográfica a qual remete a verdadeira história. O método minimalista propõe usar apenas a arqueologia para o propósito de reconstruir a história. Esta abordagem possui muitas características atrativas mas falha para apresentar um método de investigação que seja inteiramente livre de problemas, inclusive de interpretações tendenciosas. Este é apenas um paradigma dentre outros que podem ser usados para investigar a história da Síria-Palestina (tradução própria).⁶

Em princípio o grupo continha apenas pesquisadores europeus, entretanto, estudiosos de todas as partes do globo passaram a compactuar e colaborar com a argumentação da Escola de Copenhague.

⁵ SILVA, Airton José. *Os Minimalistas*. Disponível em <<http://www.airtonjo.com/minimalistas.htm>>.

⁶ ATHAS. George. *Minimalism' – The Copenhagen School of Thought in Biblical Studies*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20010609222329/members.nbc.com/gathas/copensch.htm>.

Os autores de postura “minimalista” representam, sem dúvida, um novo paradigma no estudo da história dos hebreus. Algumas de suas obras são de fato iconoclastas e apresentam interpretações inovadoras. O conteúdo de seus escritos possibilitou que certos pesquisadores fossem classificados como anti-semitas, em contrapartida, os ofendidos rotularam seus opositores de sionistas.

William Dever é um dos autores que constantemente tem atacado a postura minimalista, comentando acerca de seus adeptos ele afirma:

Eles freqüentemente se denominam revisionistas; outros os descrevem como minimalistas. Eu tenho sugerido que eles são mais exatamente niilistas – quando eles acabarem de reescrever a história de Israel, cedo ou tarde, não restará nada que a maioria de nós possa reconhecer como história. É assim que eles tem feito, porém, sua conclusão fundamental (ou é isso uma pré-concepção?) é que ninguém mais pode escrever a história antiga de Israel, ao menos não uma história baseada nos textos bíblicos (tradução própria). (DEVER, 2003: 137).

Recentemente a obra de Finkelstein e Silberman⁷ causou grande impacto dentro e fora da academia. Na referida obra os autores chegam a uma conclusão distinta quanto ao êxodo.

Antes mesmo de abordarem a saída do Egito em si os pesquisadores em questão apontam para as incoerências do texto bíblico que relata a história de José⁸. Segundo afirmam, a presença de camelos na história do citado personagem reflete um anacronismo⁹.

Feita esta consideração, Finkelstein e Silberman preocupam-se em demonstrar a pertinência da situação básica contida no relato do êxodo, ou seja, as

⁷ FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*; tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

⁸ A respeito de José, Liverani afirma: “A história de José (Gen. 37-48) é completamente diferente em sua estrutura e ambiente. [...] Mas a história, com os seus principais valores morais encontra paralelos que se concentram todos à época do Império Persa. Basta recordar a história de Ahigar, ambientada na corte assíria, mas de redação posterior (o homônimo “Romanzo” é do século V), onde se narra sobre o sábio que ascende desde uma origem humilde ao posto de conselheiro privilegiado e Visir de Esarhaddon. Ou a história de Democede (in *Hdt.* III 129-137), médico grego levado como escravo à corte de Dario e depois erguido à posição de comensal do rei. [...] A história de José pressupõe a presença de significativos núcleos de emigrantes palestinos no Egito, inseridos em um mundo de diversas estruturas e costumes econômicos, e não pode estar concebida e redigida antes do Século V” (tradução própria). LIVERANI, Mario. *Oltre la Bibbia. Storia Antica di Israele*. Roma-Bari, Laterza, 2003, p. 295-296.

⁹ FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003, p 58-59.

migrações de Canaã para o Egito são seguramente sustentadas pela evidência arqueológica, tornando assim plausível esta parcela do relato bíblico.¹⁰

Com base nos paralelismos entre a narrativa religiosa da saída do Egito e a história dos hicsos escrita por Mâneto, os referidos autores apontam para a possibilidade do êxodo. Nesse sentido afirmam:

[...] fontes arqueológicas e históricas independentes relatam a imigração de semitas de Canaã para o Egito, e os egípcios expulsando-os com o uso da força. Esse resumo básico da imigração e do retorno violento para Canaã é paralelo ao relato bíblico do Êxodo. (FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003: 85).

Entretanto, essa interpretação gera complicações principalmente no tocante à cronologia. Tradicionalmente duas datas são propostas para o êxodo, uma no século XV a.C. e outra no século XIII a.C., sendo assim, os hicsos expulsos por volta de 1570 a.C. não poderiam ser os participantes do êxodo.

A data do século XIII a.C. é a mais aceita pela maioria dos estudiosos, desse modo, o êxodo teria ocorrido na época de Ramsés II. Contudo, Finkelstein e Silberman esforçam-se para desacreditar esse pensamento. Conforme afirmam, havia no período do citado faraó um sistema de controle de fronteiras muito bem estruturado o que tornaria impossível a fuga de um contingente de trabalhadores.

Pondo de lado a possibilidade de milagres inspirados divinamente, não é razoável aceitar a idéia de fuga de um grande grupo de escravos do Egito, através de fronteiras fortemente vigiadas por guarnições militares, para o deserto e depois para Canaã, numa época com colossal presença egípcia na região. Qualquer grupo escapando do Egito contra a vontade do faraó teria sido rapidamente capturado, não apenas por um exército egípcio que o perseguiria desde o delta, mas também por soldados egípcios dos fortes no norte do Sinai e em Canaã.

De fato, a narrativa bíblica sugere o perigo da experiência de fugir pela estrada da costa. Assim, a única alternativa seria através das terras desérticas e desoladas da península do Sinai; mas a possibilidade de um grande grupo de pessoas caminhando por essa península também é contestada pela arqueologia. (FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003: 91-92).

¹⁰ “Há uma boa razão para se acreditar que nos tempos de fome em Canaã – do exato modo como a narrativa bíblica descreve – pastores e lavradores igualmente iam para o Egito a fim de se estabelecer no leste do delta e aproveitar a sua confiável fertilidade. [...] Em outros períodos, os semitas podem ter ido para o Egito apenas porque o país lhes oferecia a perspectiva de comércio e de melhores oportunidades econômicas. [...] Sabemos que alguns foram designados escravos nas terras cultivadas dos templos do Estado; outros terminaram subindo na escala social, chegando a se tornar funcionários do governo, soldados e até mesmo sacerdotes.”, FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003, p.82

Há ainda outras razões que tentam desacreditar o êxodo no século XIII a.C. Dentre essas, evidencia-se a ausência de registros arqueológicos, ou seja, na época de Ramsés II não há nenhum sinal de ocupação do Sinai, assim como não há nenhuma evidência arqueológica do referido evento nos locais de acampamento citados na Bíblia como, por exemplo, Kadesh-barnea¹¹. Entretanto, Finkelstein e Silberman enfatizam que uma das mais importantes indicações da imprecisão histórica do relato sobre o êxodo reside no fato de não existir referência nominal ao “faraó da opressão”, diferente de outros textos bíblicos posteriores onde constam os nomes dos monarcas egípcios como, por exemplo, Sesac e Necau.

Desse modo, os referidos autores vão compactuar com o egiptólogo Donald Redford, o qual relacionou a narrativa do êxodo ao século VII a.C. A intenção é demonstrar que o relato do êxodo reflete o contexto da época em que foi escrito, embora, é verdade, reconheçam que a saga da libertação do Egito tem origens anteriores ao citado século.

É impossível dizer se a narrativa bíblica foi ou não uma ampliação e uma elaboração de memórias imprecisas da imigração do povo de Canaã para o Egito e de sua expulsão do delta no segundo milênio a.C. Mesmo assim, parece claro que a história bíblica do Êxodo auferiu seu poder não apenas das tradições antigas e dos detalhes geográficos e demográficos contemporâneos, mas ainda e mais diretamente das realidades políticas contemporâneas. (FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003: 103).

Sendo assim, os autores vão concluir que o pano de fundo da narrativa do êxodo se deu, na verdade, durante o período do rei Josias. Tendo em vista a situação política da época (crescente conflito com o Egito), o relato do êxodo teria sido estruturado como um apelo à unidade nacional.

A saga do Êxodo de Israel do Egito não é uma verdade histórica nem ficção literária. É uma poderosa expressão da memória e da esperança, nascida num mundo em plena mudança. A confrontação entre Moisés e o faraó espelhava o significativo confronto entre o jovem rei Josias e o faraó Necau, recentemente coroadado. Fixar essa imagem bíblica em uma só data e trair o significado mais profundo da história. (FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003: 105).

¹¹ “A conclusão – de que o Êxodo não aconteceu na época e da forma descrita na Bíblia – parece irrefutável quando examinamos a evidência de sítios específicos, onde os filhos de Israel supostamente acamparam por longos períodos, durante sua caminhada pelo deserto (Números 33), e onde alguma indicação arqueológica – se existente – , é quase certo, seria encontrada. [...] Da longa lista de acampamentos no deserto, Kadesh-barnea e Ezion-geber são os únicos que podem ser identificados com segurança, mas não indicaram nenhum traço dos nômades israelitas”. FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003, p.94-95.

Embora exista uma pequena divergência nas questões cronológicas, a estratégia minimalista para desqualificar a historicidade dos eventos bíblicos consiste em datar o testemunho religioso o mais recente possível. Mario Liverani, por exemplo, é um historiador que caminha nesse direção.

No que concerne ao êxodo o referido autor se utiliza de paralelos entre a Bíblia e textos extra-bíblicos para justificar uma datação mais recente da narrativa veterotestamentária. Ao tratar do itinerário da saída do Egito o autor afirma:

A imagem do deserto, no complexo Êxodo-Números não é de tipo pastoral, onde a tribo vive com estabilidade; ao contrário é do tipo “zona de refúgio” ou “terra de exílio”, em uma perspectiva urbana de agudo desconforto. A estrada é difícil e perigosa pela presença de armadilhas e falta d’água. A travessia: o deserto grande e terrível, de serpentes ardentes e de escorpiões e de sede, onde não há água (Deut.8:15) é semelhante às preocupações logísticas do exército assírio para atravessar o deserto, como na expedição de Esarhaddon a Baza: um distrito remoto, uma distância desértica de terra salgada, uma região de sede... (com) serpentes e escorpiões que revolvem a terra feito formigas. (IAKA, pp. 56-57). Também os exércitos da monarquia de Juda haviam atravessado o deserto, exemplarmente na expedição contra Mo’ab; e a busca por água da parte de Moisés, que a fez brotar da rocha (Es. 17:1-6), os ecos da busca d’água pelos “profetas” alertaram o exército naquela ocasião: Assim disse Yahweh: escavarás nesta ribanceira poços e poços, por que assim disse Yahweh: não verás vento nem chuva, contudo, esta ribanceira se encherá de água e vós bebereis, vós e vossas tropas e vossos animais (de carga)! (2Re 3:16-17) (tradução própria).(LIVERANI, 2003, p. 309-310).

Desse modo, o período a partir das deportações assírias e também o período persa seriam o contexto histórico onde a oralidade do êxodo foi textualizada¹². Entretanto, ainda faltam evidências para esclarecer o que teria dado base para essa oralidade; ou melhor, como teria surgido a memória do êxodo? Como já visto, Finkelstein e Silberman apresentam uma sugestão para sanar esse questionamento assim como os autores, contrários aos minimalistas, que defendem a idéia de que o êxodo foi um acontecimento histórico do século XV a.C. ou XIII a.C.

Segundo Lemche:

O Israel do Antigo Testamento apresentou-se como um produto da imaginação literária. Sua história não foi de um mundo real, mas a sua organização foi baseada pelos requerimentos de dois mitos fundantes, o primeiro deles o Êxodo, e o segundo o Exílio Babilônico. Se partes dessa história realmente aconteceram ou não no mundo “real” a questão é que se formou essa história imaterial (tradução própria). (LEMICHE apud DEVER, 2003, p. 140).

¹² VEJA-se em LIVERANI, 2003, p. 305-308.

Como se pode notar, as pesquisas de cunho minimalista possibilitaram novas interpretações sobre todo o Israel antigo, conseqüentemente, também, sobre o êxodo. Independente de sua pertinência acadêmica a tendência é que a postura minimalista cresça em importância no debate sobre a história de Israel. As razões para isso se encontram, sobretudo, no fato dos minimalistas ocuparem importantes funções em institutos de História e Arqueologia mundialmente reconhecidos, desse modo, é possível que os autores discordantes dessa linha de pensamento atuem cada vez mais como vozes isoladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEVER, William G. *Who Were the Early Israelites and Where Did They Come From?*. Wm. B. Eedmans Publishing Co., 2003.

FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*; tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

FOX, Robin Lane. *Bíblia verdade e ficção*; tradução Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

FRÉDÉRIC, Louis. *A Arqueologia e os Enigmas da Bíblia*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.

LIVERANI, Mario. *Oltre la Bibbia. Storia Antica di Israele*. Roma-Bari, Laterza, 2003.

ROMER, John. *Testamento os textos sagrados através da história*; tradução Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

Outros

ATHAS, George. *Minimalism' – The Copenhagen School of Thought in Biblical Studies*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20010609222329/members.nbc.com/gathas/copensch.htm>.

SILVA, Airton José. *Os Minimalistas*. Disponível em <http://www.airtonjo.com/minimalistas.htm>.

Artigo recebido em: 03/10/07

Artigo aprovado em: 15/10/07